

Olimpíadas Rio 2016. Voando por conquistas!



Nesta edição

Editorial | **pág 2**

Tudo pronto para receber as Olimpíadas | **pág 4**

Expectativas do setor para o 2º semestre | **pág 5**

O lado bom da crise | **pág 5**

Radar | **pág 6 e 7**



Lançamento do Panorama 2016 | **Pág 3**



Em nome do time de rampa

Uma força que vem da simplicidade

Não é preciso voltar muito no tempo para lembrar de uma época em que o pessoal de rampa, como éramos chamados, representava uma categoria pouco conhecida e, ousaria dizer, nada prestigiada na comunidade aeronáutica. Trabalhamos duro nos últimos três anos à frente da Abesata – uma entidade nova – para mudar este cenário e creio que temos conseguido. O segmento de ground handling, sim, esta indústria que representa um faturamento anual de quase R\$ 4 bilhões, existe e tem um papel importantíssimo na aviação civil brasileira.

São milhares de brasileiros que todos os dias trabalham intensamente para que tudo saia perfeito nas operações aéreas, cuidam do check in, despacho e embarque das malas, transporte de passageiros em solo, atendimento a pessoas portadoras de deficiência, limpeza, movimentação das aeronaves e muito mais.

E o trabalho incansável da Abesata e de seus associados no sentido de dar visibilidade e voz a este setor vem dando frutos continuamente. Hoje, as esatas são reconhecidas e

não é só, são chamadas a debater questões importantes, a integrar mesas de negociação, e é fato que já contribuem, através da Abesata, para a tomada de decisão. Um passo grande foi dado, impulsionado pela vontade e garra destes mais de 31 mil trabalhadores em todo o Brasil. Homens e mulheres (sim, elas são quase a metade do contingente) que fazem a aviação acontecer neste país com o seu trabalho especializado, rigorosamente auditado e foco de capacitação constante.

No entanto, há muito o que fazer ainda, muitas lutas e batalhas para serem travadas no sentido de garantir o alto padrão de qualidade oferecido hoje pelas empresas de serviços auxiliares – devidamente capacitadas para atuar no sítio aeroportuário. Recentemente, fomos buscar em outros países inspiração para criar um novo modelo de fiscalização das esatas no país, hoje concessionárias vivem o dilema de autorizar uma empresa auxiliar e, ao mesmo tempo, concorrer com ela.

Entendemos hoje, que o Estado deve ser enxuto, claro, e a maioria do mercado autoregulado, mas os

serviços em solo, em especial no “lado ar” ou “abaixo da asa”, prestados por empresas especializadas, têm que ser regulado e supervisionado por uma instância neutra e competente, assim como acontece com companhias aéreas e administrações aeroportuárias, que passam por rigoroso processo de homologação para iniciar suas atividades.

A colheita tem sido farta e podemos medir os avanços, mas a seara é grande. Por ser a terra fértil, a possibilidade de crescimento das esatas é enorme. Vimos, recentemente, com o Panorama 2016, um levantamento inédito do segmento de ground handling, que no Brasil apenas 30% dos serviços auxiliares são feitos por esatas, enquanto a média mundial é 50%. Queremos chegar na média global e estamos preparados para isso, queremos que o país volte a crescer e que a aviação civil seja um vetor de desenvolvimento para o Brasil. Nós, com nosso humilde e dedicado time de rampa, espalhados pelos aeroportos de todo país, estamos prontos para este novo momento.

Panorama 2016 é lançado em SP

No começo de maio, um almoço em São Paulo - Hotel Pullman Ibirapuera marcou o lançamento do Panorama 2016, um levantamento completo da performance e das perspectivas do segmento de ground handling em 2014 e 2015 no Brasil. A iniciativa da Abesata de contratar um time de pesquisadores para coletar dados, comparar e compilar em uma publicação desta natureza foi ovacionada pela comunidade aeronáutica ali presente.

Entre os convidados estavam autoridades, empresários e diretores de companhias aéreas, de Esatas, de concessionárias aeroportuárias, especialistas, jornalistas, todos unânimes em ressaltar a importância de estudos como o Panorama 2016

da Abesata para iluminar a tomada de decisão na aviação civil brasileira.

Só através do estudo desenvolvido pela Abesata, por exemplo, foi possível saber que o segmento de ground handling representa uma indústria de R\$ 4 bilhões ao ano e que apenas 30% deste mercado está hoje nas mãos das esatas. Ou seja, existe um enorme potencial de crescimento, se for levada em conta a média mundial de 50% dos serviços em solo sendo feitos por empresas especializadas. Isso sem depender do crescimento do transporte aéreo, que sempre puxa a expansão das esatas. É certo que a transferência de serviços das aéreas para as esatas trará economia para as empresas aéreas, cujo fruto poderá ser colhido por toda a população.

Na abertura do evento, os mais de 200 convidados puderam ouvir Marco Fábio Morsello, Juiz Assessor da Corregedoria Geral do Tribunal de Justiça, e, em seguida, Paulo Henrique Possas, Diretor de Gestão Aeroportuária da Secretaria de Aviação Civil da Presidência da República, entre outros ilustres presentes. O objetivo da Abesata é repetir a pesquisa a cada dois anos.

Saiba como conseguir o seu exemplar

O download pode ser feito diretamente do site da entidade **www.abesata.org**

Quem quiser um exemplar impresso pode enviar um e-mail para **secretaria@abesata.org**



Ricardo Aparecido, Presidente da Abesata



Norberto Raniero, Diretor de Operações da AVIANCA; Pericles Jones Guerreiro, Diretor da TopLyne; Natanael Galhardo, sócio-proprietário da Top Lyne



Panorama 2016



Vitor Mutton e Wilson Molina da Lavrita; Helcio Bêrgamo de Matos e Eduardo de Toledo da DAESP



Prof.º José Carlos Pacheco Coimbra e Gilson Martins, ambos da Faculdade Max Planck



Ricardo Gesse da GOL; Mário Baptista da PROAIR; Edicarlo Figueiredo (de costas) e Március Moreno da AVIANCA



Primeiro plano, sentados: Ana Mandelli do SINDICOM; Daniel de Britto da Praxian; e Paulo Henrique Possas da SAC



Tatiana Novaes Viana da LATAM; advogado Duque Estrada e Ricardo Aparecido



Público em geral



Tudo pronto para receber as Olimpíadas

Atenção maior com os equipamentos paralímpicos

Com um orçamento de quase 40 bilhões de reais, as Olimpíadas chegaram e com os jogos, além de sonhos olímpicos, preocupações e cuidados para que o evento seja marcado pela perfeição.

A cidade do Rio de Janeiro, primeira sede sulamericana dos jogos, teve pouco mais de seis anos para se preparar e algumas obras serão deixadas como legado para a população. E, no que diz respeito aos aeroportos da cidade, dá para destacar a inauguração do Píer Sul, no Aeroporto do Galeão, em maio deste ano, um novo espaço com mais de 100 mil m² e 26 novas pontes de embarque e 97 posições de estacionamento de aviões, com um pátio de 260 mil metros quadrados.

Para se ter uma ideia, as estimativas da Secretaria de Aviação Civil (SAC) apontam para um público superior a 2,3 milhões de pessoas durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016, sendo que deste total, 1,2 milhão vão chegar de avião. E, segundo Felipe Cavalcante, gerente

de Airside do aeroporto, “a previsão é de processamento de quase 32 mil bagagens só de atletas – sem contar as bagagens dos passageiros dos voos regulares e charter (não-regulares)”.

O evento também tem outras peculiaridades que vão impactar as operações aéreas. Entre carga e bagagem, segundo a SAC, serão processados 500 mil volumes só nos Jogos Olímpicos e as operações para a paralimpíada terão características únicas. Cavalcante ressalta que só para acessibilidade houve um investimento de R\$ 5,5 milhões.

As esatas estão preparadas para o grande momento. Segundo Ricardo Aparecido Miguel, presidente da ABESATA, as preocupações maiores são em relação ao atendimento aos atletas paralímpicos, que precisam de cuidados diferenciados, principalmente no que diz respeito aos equipamentos. Além disso, para minimizar os problemas, a entidade terá um funcionário na Sala Master do Aeroporto (alto staff da aeronáutica) para ajudar na tomada de decisão

durante os dois meses de jogos. “Aceitamos de pronto o convite da SAC. Faz-se necessário um olhar especialista em operação de solo para colaborar na resolução de possíveis problemas”, enfatiza Miguel.

Esatas com esquema especial

As esatas vêm se preparando para os jogos. A Swissport, por exemplo, vem promovendo várias ações e, de acordo com Renata Darakjian, COO (Chief Operating Officer) da empresa, em relação às pessoas, além de ter sido preparado um reforço especial para o Aeroporto do Galeão, a escala de colaboradores foi mudada para que 100% do efetivo esteja a postos nos dias críticos. Paralelamente, campanhas motivacionais e workshops para treinamento de funcionários também foram realizados meses antes. Os sistemas da empresa foram modernizados a fim de deixar toda operação integrada, em tempo real. E mais, processos foram revistos e atualizados, novos equipamentos foram adquiridos para suprir a demanda.

O lado bom da crise

*Esas capacitam mais
e evitam cortes*



Será que dá para dizer que crise tem lado bom? Segundo alguns teóricos e pesquisadores sim! Para eles, é neste momento que as empresas aproveitam para rever práticas, tentar ser mais sustentável e, claro, garantir uma melhor rentabilidade.

Em contrapartida, para o colaborador, o lado bom da crise vem na capacitação, uma das medidas mais elogiadas e indicadas para que as empresas passem por períodos críticos sem grandes perdas.

Para Mário Baptista, executivo da ProAir, foi exatamente isso que a empresa fez. “Apesar de termos grandes perdas de volume no primeiro semestre, conseguimos arrumar a casa, contando com nosso colaborador, melhor capacitado, nos ajudando a nos manter firme na turbulência”.

O que Baptista diz sobre grande perda de volume está nos atuais cancelamentos de rotas. Para se ter uma ideia, Copa Airlines, American Airlines, Delta Airlines e Singapore, por exemplo, foram algumas das estrangeiras que diminuíram ou deixaram de voar no país. Dentre as nacionais, o destaque foi a Azul remanejou a malha e cancelou alguns voos em bases importantes.

“Em alguns casos perdemos toda a operação no aeroporto, já que tínhamos um efetivo exclusivo para atender aquela empresa e ela cancelou os voos naquele aeroporto”, lamenta Baptista.

Agora é esperar

*Setor ainda não está tão otimista
para o segundo semestre*

A indústria tem dado sinal de recuperação e, para vários setores, o segundo semestre será melhor do que o primeiro e, com certeza, melhor do que o do ano passado. O tempo de crise, como já vimos, serviu para investir no capital humano e os resultados foram bem interessantes. Agora, é hora de esperar.

Pelo menos é o que acha Rubens Pereira Leitão Filho, Executivo da Orbital. De acordo com ele, há sim um pequeno sinal de melhora, mas nada muito animador ainda. “Entendemos que exista um pequeno sinal de melhora, principalmente por causa da mudança de governo. Entretanto, nada que possa trazer elevação ao mercado de imediato. Não estamos otimistas no curto prazo, o mercado deve levar algum tempo para retomar o que um dia foi bem promissor e animador também.”

Para se ter uma ideia, segundo Leitão, o cenário otimista ainda vai demorar um pouco para se apresentar. Para ele, a expansão será limitada e os frutos disto também. “No curto e médio prazo não vemos melhora em termos de crescimento real. A expansão, ao menos nesse prazo, está limitada àquilo que já existe no mercado, através de disputa comercial entre os concorrentes”, finaliza.

JANEIRO 2016

Visita ao CGNA no Rio

Com o objetivo de conhecer melhor o funcionamento do CGNA (Centro de Gerenciamento de Navegabilidade Aérea), no Rio de Janeiro, uma delegação do segmento de ground handling visitou a organização. Os empresários do setor e representantes da Abesata foram recebidos pelo chefe do CGNA, Cel Medeiros, e na pauta a importância das esatas terem um representante permanente no CGNA, capaz de ajudar na tomada de decisões, e também durante o período dos Jogos Olímpicos.



FEVEREIRO 2016

“Como posso ajudar?”

Com a ajuda de atletas paralímpicos, a Abear promoveu um evento para discutir a questão da acessibilidade no transporte aéreo e contou com a participação da Abesata. De forma bem humorada e até divertida, atletas de grande prestígio contaram as agruras que já passaram em aeroportos e aeronaves. Estiveram presentes Edson Pinheiro (atletismo), Lorena Spoladore (atletismo), e Susana Schnarndorf (natação). Por viajarem constantemente e apresentarem diversos tipos de deficiência física, cada um foi capaz de falar sobre as situações complicadas resultantes da falta de preparo e de tato do pessoal em solo e a bordo.

Para o segmento de ground handling o seminário foi mais que um aprendizado, mas a constatação de que o treinamento precisa ser contínuo, uma vez que não só atletas portadores de deficiência precisam de atenção especial, mas gestantes, idosos e pessoas com mobilidade reduzida temporariamente.



MARÇO 2016



Mundo se reúne em Bali

No começo de março, Bali - Indonésia - recebeu 400 delegações da indústria de ground handling de todo o mundo. A 9.ª Conferência Internacional de Ground Handling da Ásia se tornou o encontro mundial, depois que a conferência de Paris, em novembro do ano anterior, foi cancelada por causa dos atentados. Ao longo de quatro dias foram palestras, reuniões um a um, exposição de fornecedores e oportunidades de network. A Abesata tinha um desafio a mais, entender como se dá em outros países a fiscalização das esatas, especialmente com a privatização dos aeroportos.



Azul e Gol recebem premiação

No anúncio dos vencedores do prêmio Aeroportos + Brasil duas surpresas para o segmento de ground handling. A Gol, premiada na categoria “restituição de bagagem mais eficiente” utiliza 100% dos serviços das empresas auxiliares e a Azul, que venceu na categoria “check in mais rápido”, também tem alto percentual de utilização dos serviços das esatas.

Na segunda edição, a pesquisa de satisfação ouviu mais de 52 mil passageiros em 15 aeroportos ao longo do ano passado. O campeão, entre os aeroportos, foi o Aeroporto Internacional Afonso Pena, de Curitiba (PR), também premiado nas categorias aeroporto com raio x mais eficiente, aeroporto com restituição de bagagem mais eficiente e aeroporto mais cordial.

Todos os ganhadores foram muito aplaudidos, receberam um certificado e um troféu. A pesquisa, ao ouvir o passageiro, cria uma importante ferramenta de gestão para o governo e toda a comunidade aeroportuária.

Setor é tema de pesquisa

Um grupo de estudantes da Embry-Riddle Aeronautical University veio ao Brasil para desenvolver pesquisas acadêmicas internacionais e dois deles estiveram na sede da Abesata em São Paulo para entender melhor o funcionamento das empresas auxiliares no país. Eles queriam entender, por exemplo, quais eram as deficiências de formação de mão de obra, os níveis salariais e os desafios do setor. Todos os jovens pesquisadores da instituição são orientados por professores e aproveitam a viagem também para conhecer a cultura do país visitado. Em todo o mundo, a Embry-Riddle tem mais de 36 mil alunos.



JUNHO 2016

Associados analisam desafios da Rio 2016

A menos de dois meses da abertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, representantes das esatas se reuniram na sede da Abesata em São Paulo para falar dos desafios e dificuldades das operações durante as Olimpíadas e Paralimpíadas. Tal como foi feito na Copa de 2014, o objetivo foi tratar das peculiaridades do evento, em especial cuidados com equipamentos dos atletas, manuseio de material e o atendimento especial para os atletas portadores de deficiência. O ponto alto do encontro foi a assinatura de termo de compromisso para a união de esforços das Esatas na busca do sucesso do evento no país.



“A aviação é tema dos mais palpitantes na sociedade contemporânea e o Direito, como subsistema do sistema social, deve acompanhar esta realidade.”



“É inconcebível uma operação de desembarque sem o ground handling”

Durante o lançamento do Panorama 2016, o juiz de direito do Tribunal de Justiça de São Paulo e, dentre outros atributos, professor doutor de Direito Civil da Universidade de São Paulo, Marco Fábio Morsello, falou, com muita propriedade, sobre a importância do setor aeronáutico para o desenvolvimento do país. Ressaltou o fundamental papel das esatas no processo, abordou temas como segurança e aviação internacional. Foi durante o evento também que deixou claro seu interesse e uma paixão especial pelo setor. Com muita gentileza, atendeu a equipe do EM SOLO para uma breve entrevista.

EM SOLO - Por ocasião da abertura do evento da Abesata, no último dia 6 de maio, suas palavras refletiram segurança e grande conhecimento pelo transporte aéreo, em especial nas peculiaridades da aviação internacional. O que fez um juiz de direito ter vocação e conhecimento pelo tema?

Dr. Marco Fábio - A aviação é tema dos mais palpitantes na sociedade contemporânea e o Direito, como subsistema do sistema social, deve acompanhar esta realidade. Ademais, desde a mais tenra idade, tive vínculos com a aviação. O Direito foi então uma sinergia com algo que já fazia parte de nosso cotidiano.

EM SOLO - Para o senhor, quais são os desafios dessa área no âmbito jurídico?

Dr. Marco Fábio - A complexidade da infraestrutura aeroportuária é indissociável da realidade contemporânea. Desse modo, é inconcebível a consecução das operações de embarque, desembarque e acessórios sem uma empresa especializada no Ground Handling. Por via de consequência, cumpre dirimir de forma clara a responsabilidade dos operadores, em cotejo com aquela imputável ao transportador aéreo, nomeadamente em relação a terceiros.

EM SOLO - Como o senhor vê o avanço da aviação, agora, com os primeiros sinais de retomada? E o que as empresas do setor, no seu entender, devem melhorar e/ou adaptar?

Dr. Marco Fábio - A aviação é ramo estratégico em nosso país, nomeadamente à luz de dimensões continentais e celeridade única deste modal. Afigura-se fundamental, portanto, a diminuição da carga tributária como móvel para dinamizar o ramo, sem prejuízo do estímulo ao capital estrangeiro, com o aumento do patamar de participação societária. Assim, faz-se necessária esta ampliação, já contemplada em Medida Provisória, com imediata conversão em lei para segurança dos investidores. A meu ver, referidas normas para modernizar e dinamizar o setor não poderão prejudicar o nível protetivo essencial do consumidor usuário do transporte.